
NOSSA SENHORA DA ATALAIA E O CÍRIO DAS CABANEIRAS

CAPÍTULO XI

E chego assim ao final deste livro, escrevendo sobre a mais antiga manifestação que comprova que a aldeia de Quinta do Anjo não era apenas um conjunto de casais dispersos cujo elemento comum seria o morgado da quinta, mas sim uma aldeia com uma comunidade organizada, muito antes de ser vista como tal pelas entidades oficiais. E fui encontrar esse testemunho onde não o esperava – nas descrições dos Círios do santuário da Atalaia.³³³

A interpretação que faço é que, enquanto que para o exterior a população era vista como meia dúzia de casais dispersos nos arredores de Palmela, na aldeia propriamente dita, a população desses casais organizava-se e participavam nas romarias à Atalaia já com o nome de Círio da Quinta do Anjo, desde pelo menos 1723. Palmela tinha um círio diferente muito mais antigo e o morgado da quinta do Anjo ou a sua capela, não tinham nada a ver com esta romaria. Como diz Moisés Espírito Santo *o culto da Senhora da Atalaia não tem ligação ao clero; é exercido por comissões chamadas Círios que são irmandades constituídas em diferentes aldeias com a obrigação de se encontrar uma ou mais vezes por ano no seu santuário para cumprimento duma «promessa antiga»*. (...) *É uma religião sem clero*. A construção dos locais de devoção, a organização das festas e as procissões são feitas pelo povo. Nesta romaria, a missa ou o padres são externos a este culto.

COMO SURTIU O CULTO A NOSSA SENHORA DA ATALAIA?

Recomendo a leitura do livro *Tradições Religiosas entre o Tejo e o Sado*, mas aqui fica o resumo do início do culto. A festa da Atalaia (não confundir com a Festa do Avante que tem lugar na Atalaia próximo do Seixal) segundo Luís Marques, tem origem numa fonte junto à qual a Nossa Senhora teria aparecido em cima de uma aroeira. Diz a lenda que a água da fonte tornou-se santa e que curava muito males. A população então pegou na imagem e levou-a para uma casa próxima onde foi colocada num poial, uma cantareira. Mais tarde cons-

truíram uma igreja ao lado da casa e a imagem foi levada para o altar dessa igreja. Mas no dia seguinte, a imagem voltou a aparecer na cantareira. De novo foi levada para a igreja e de novo reapareceu na cantareira. Tantas vezes se repetiu o caso que resolveram fazer uma réplica da imagem para deixar uma na cantareira e outra no altar da igreja. Chamaram então *Senhora Velha* à original da cantareira e *Senhora Moça* à da igreja, e a casa da cantareira passou a servir de sacristia.

Não era apenas o povo da margem sul do Tejo que prestava homenagem à Senhora, da capital vinha igual número de Círios e supõe-se que o primeiro cruzeiro do santuário, que data de 1551, tenha sido construído por uma confraria de Lisboa.³³⁴

A romaria tinha alguns rituais obrigatórios que passaram de geração em geração. Um dos quais era a lavagem da cara na fonte santa.

*...elles de jaqueta voltada, vão na sua velha romaria à fonte santa, à fonte milagrosa, molhar a cara, molhar as mãos, chafurdar, rir. Próximo à fonte, filas d'alguidares esperam freguezes, e o pregão repete-se: a dez réis... ó gentes... quem mais se lava?*³³⁵

A primeira referência à existência de uma ermida no local data de 1470. A Visitação do freires de Santiago de 1525, descrevem-na como tendo 12 metros de comprimento por 6 metros de largura. Na Visitação de 1609 dizem que a ermida precisa de obras. Em 1623 é construída a primeira igreja no local.

O local da fonte ficava longe de qualquer povoado,

O CÍRIO DE PALMELA Uma carta dos oficiais de Palmela enviada ao rei, datada de 1559, informa-o que o povo de Palmela sempre teve muita devoção *pela Casa de N.ª Sra. da Atalaia e que a ela iam, com sua confraria todos os anos em romaria*. Diziam ainda que a dita casa era *em zona de charneca, isolada de vizinhos*. Refere ainda que o *Rei havia provido na casa ao padre Pero Nunes, clérigo da Mina, freire de Santiago*, criado no Convento de Palmela *de quinze anos*, considerando-o os oficiais de Palmela apto para esse cargo.³⁵⁰



92 Peditório para a Atalaia, junto à casa do Manuel Isidro, nos Bachelos. Na foto vemos os festeiros que fazem o peditório, transportam os objetos típicos: os foguetes que eram lançados sempre que alguém fazia um donativo para a festa e a caixa decorada, também chamada de *maquineta*, que guarda a imagem de N.ª S.ª da Atalaia. Atrás iam os músicos com o tambor e a gaita de foles. Provavelmente as crianças, sem melhor que fazer, acompanharia os festeiros no peditório. Vêm-se algumas meninas descalças, as mais velhas tomando conta dos irmãos ainda bebês, algumas de lenços da cabeça. Os rapazes imitando os adultos, apresentam-se de chapéus, boinas e barretes. Um deles, de costas para a câmara, observa atentamente a imagem da Senhora dentro da caixa. Foto: José Bárceia 1909

por isso é um pouco estranho que o culto tenha surgido aparentemente no meio do nada, nem sequer próximo de qualquer povoação. Talvez fosse um local de passagem, daqueles caminhos herdados dos romanos que ligavam Lisboa ao interior do Alentejo. As terras mais próximas eram Alcochete e Aldeia Galega, ambas conhecidas pelas suas enormes salinas que atraíam trabalhadores sazonais de vários locais.

O nome Atalaia deriva do árabe *Attallaá* (lugar alto, sítio de vigia) e são várias as povoações no país com esse nome. Durante algum tempo o povoado Atalaia chamou-se Espírito Santo e o Montijo foi até 1930 conhecida como Aldeia Galega do Ribatejo. Foi nesta vila que D. João IV, o duque de Bragança que foi aclamado rei pelos fidalgos da restauração da independência fez o seu primeiro conselho régio.³³⁶

É difícil determinar uma data do início destas romarias. Há referências que em 1606 deslocaram-se à Atalaia 23 círios³³⁷ e em 1707, *são vinte & cinco os círios, que de varias partes, & terras vão todos os annos a festejar a Senhora*. Num registo encontrado pelo P.º Manuel Costa respeitante ao ano de 1823, surge uma lista com informação sobre os 34 círios que vão à Atalaia. Nessa lista temos a informação que o círio da Quinta do Anjo vai à Atalaia na segunda feira a seguir ao último domingo do

mês de agosto e que o seu círio foi fundado em 1723. No entanto, na tabela dos 31 círios que foram em 1874 à Atalaia, o da Quinta do Anjo aparece como tendo sido fundado em 1780.

O QUE É O CÍRIO?

Um círio é uma vela grossa, mas também significa uma procissão ou uma festa de romagem a algum santuário, em cuja cerimónia se levam um círio – essa vela de grandes dimensões. Normalmente um círio representava uma povoação, mas havia casos, em representavam grupos sociais ou profissionais. Havia o círio dos pescadores da Aldeia Galega, dos marítimos casados de Alcochete, dos marítimos solteiros de Alcochete, da Confraria dos Empregados da Alfandega de Lisboa, dos Pretos Crioulos de Lisboa, dos Pretos do Bairro Alto ou dos de Alfama.³³⁸

Com tanta afluência ao santuário, foi organizada uma escala para assinalar quem tinha o direito de ocupar o local e quando. Existia um *Livro das entradas dos círios e festejos*, entretanto desaparecido, mas felizmente copiado, que distribuía as visitas dos círios ao longo de vários meses, a começar no último domingo de abril, dia do círio da Aldeia Galega até ao de Sarielhos Grandes, no 3.º domingo de novembro. Esta or-

93 O círio da Quinta do Anjo partindo do adro da igreja, recém inaugurada. Este seria o último ano em que usariam carros puxados por bois. No terceiro carro a contar da direita vai a maquineta, a caixa que transporta a imagem da N.ª S.ª da Atalaia e o juiz segurando o guião. Terá sido um cortejo semelhante a este que, uma reportagem do jornal *A Época* numa edição de 1.9.1902 refere que partiu no sábado à tarde e só chegou às 9h da manhã do dia seguinte. Foto: José Bárcia, 1909



dem poderia ser mudada, porque na lista de 1874, o 3.º domingo de novembro está reservada para o círio da Aldeia Galega organizado pelo *povo do terramoto*, criado em 1755.

Como já vimos atrás, a falta de um nome oficial para a aldeia de Quinta do Anjo faz com não se saiba se a povoação já participava identificada com outro nome. Por exemplo, numa escritura de aforamento, datada de 1780 surge *um chão que tomam o Juiz e mais Oficiais da Confraria de Nossa Senhora da Atalaia, do círio dos Barrios e Louro*. Aqui a palavra Louro, pode designar a aldeia, já que foi por esta altura que o círio de Quinta do Anjo tomou um terreno para construir aí um lugar onde pudesse alojar os festeiros que se deslocassem à Atalaia. O início da confraria pode ser muito anterior, possivelmente desde 1611 ou logo depois de 1559, quando já existiam a casa do círio de Palmela.

AS INVASÕES FRANCESAS

Com as invasões francesas, Napoleão impôs a Portugal uma contribuição de 40 milhões de cruzados. Para

pagar esse valor, todas as cidades e aldeias em redor de Lisboa foram obrigadas contribuir. Com a casa real no exílio no Brasil, os bens reais e dos fidalgos que os acompanharam, foram confiscados, mas isso não chegou. Também a igreja foi obrigada a contribuir. O decreto assinado no dia 1 de fevereiro de 1808 por Junot ordenava que todo o ouro e prata das igrejas, capelas e confrarias deveriam ser entregues na Casa da Moeda, dentro de um prazo de 15 dias. *Toda a pessoa convencida de fraude, seja a respeito da declaração dos objetos deixados às igrejas, seja de ter desviado alguns objetos em utilidade sua, será condenada a pagar o quadruplo do valor do objeto não declarado ou desviado.*³³⁹

A princípio a igreja poderia ficar com os objetos de prata essenciais à *decência do Culto*, mas depois a ordem foi revogada e nova «limpeza» foi feita às igrejas pelos soldados de Napoleão. Todas as outras peças «desnecessárias», em ouro e prata, seriam fundidas. Os *Recebedores* da Casa da Moeda, em troca, entregariam os *recibos authenticos* que comprovavam a sua entrega.